



## **Jornalismo Comunitário na Vila Princesa, em Pelotas-RS<sup>1</sup>**

Vanessa Rodrigues Silveira<sup>2</sup>

Jairo Sanguiné Júnior<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas/RS

**Resumo:** Com o objetivo de discutir possibilidades de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo, o curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas desenvolve, desde o ano 2000, o projeto de jornalismo comunitário "Folha da Princesa", realizado na periferia da cidade e que tem entre seus objetivos contribuir para a formação de uma consciência em relação à cidadania, num processo que envolve a comunidade em todas suas etapas.

**Palavras-chave:** Jornalismo Comunitário; Cidadania; Informação; Mídia Alternativa.

### **Desigualdade social e a responsabilidade da mídia**

Os meios tradicionais de comunicação buscam passar a idéia de que não fazem parte do sistema, pois seriam “observadores”, apenas, ou mediadores entre os fatos e a sociedade. No máximo, cobram, em seus editoriais, alguma ação concreta dos governantes para minimizar o sofrimento de determinado grupo social, ou, quem sabe apresentam alguma denúncia de corrupção. Com isso, estariam cumprindo com seu “papel social e fiscalizador” dos poderes constituídos.

De maneira dita "isenta", os meios de comunicação apresentam uma realidade que segundo eles é inquestionável, afinal, o fato aconteceu concretamente e, portanto, basta divulgá-lo simbolicamente em forma de notícia impressa ou eletrônica. Acontece que a isenção, nesse caso, significa a reprodução de uma realidade construída e que faz parte do sistema vigente, no caso, inquestionável.

Há muito se diz, nos meios acadêmicos principalmente, que o jornalismo é feito de escolhas, portanto, é uma atividade subjetiva. Da quantidade enorme de fatos, os meios de comunicação escolhem somente os que mais lhes interessam para divulgar, baseando-se para isso em questionáveis critérios subjetivos. A desigualdade social, por exemplo, não é apresentada pelos veículos tradicionais como um problema estrutural e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Expecom 2009, na categoria Jornal Impresso, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas. Editora adjunta do Jornal Comunitário Folha da Princesa. E-mail: vanessasilveira@ymail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo. Bacharel em Comunicação Social. Mestre em Desenvolvimento Social. Coordenador do projeto de extensão em jornalismo comunitário. UCPel – Universidade Católica de Pelotas/RS



sim como uma mera questão de "competência administrativa". Os absurdos e assustadores números da miséria que hoje assola o mundo, são apresentados como espetáculo, como um show que tem a finalidade de chocar os indivíduos. A miséria nunca é apresentada como consequência de um modelo econômico que tem por base o lucro e a acumulação. Para tanto, utilizam-se principalmente das imagens, editadas para dar mais dramaticidade, mais "realismo" à informação no momento de levá-la ao ar. Vejamos uma interessante opinião de Ciro Marcondes Filho sobre essa questão:

A precedência da imagem sobre o texto muda a importância da matéria escrita e a submete a leis mais impressionistas e aleatórias: a aparência e a dinamicidade da página é que se tornam agora decisivos. Dentro dessa mesma nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser "informar-se sobre mundo" para ser "surpreender-se com pessoas e coisas". (MARCONDES FILHO, 2000:31)

Com o passar dos anos a dramatização acabou por preponderar sobre a informação. Sempre que possível, a imprensa faz suspense com a morte, ou ainda, transforma em herói um personagem cuja história "comoveu" o público. Esse mesmo sensacionalismo é aplicado como fórmula infalível para a consolidação do modelo vigente. Edgar Morin diz que o sensacionalismo acentua a vedetização dos fatos variados:

Os fatos variados não são acontecimentos que informam o andamento do mundo; são, em comparação com a História, atos gratuitos. Mas esses atos afirmam a presença da paixão, da morte e do destino, para o leitor que domina as extremas virulências de suas paixões, proíbe seus instintos e se abriga contra os perigos. No sensacionalismo, as balastradas da vida normal são rompidas pelo acidente, a catástrofe, o crime, a paixão, o ciúme, o sadismo. O universo do sensacionalismo tem isso em comum com o imaginário (o sonho, o romance, o filme): infringe a ordem das coisas, viola os tabus, compele ao extremo a lógica das paixões. (...) É esse universo de sonho vivido, de tragédia vivida e de fatalidade que valorizam os jornais modernos do mundo ocidental. (MORIN, 1997:100)

A desigualdade social é tratada pelos meios de comunicação dentro desse mesmo processo de dramatização, onde o miserável é apresentado como um indivíduo que clama por solidariedade, alguém que "precisa de ajuda". Raramente são apresentadas as reais causas que o levaram a essa situação. A idéia que os veículos



passam é a de que o indivíduo que vive em condições de miséria é aquele que sofre uma tragédia e não aquele que sofre com as mazelas de um sistema econômico produtor de desigualdades.

Esse mesmo indivíduo excluído, em muitos casos, mesmo não tendo o que comer, ou como alimentar sua família, possui um aparelho de TV ou pelo menos um rádio, no qual lhe é propiciado o encontro do imaginário com o real e vice-versa. Um encontro em que são criadas as vedetes da grande imprensa, o que Morin chama de "Os Olímpianos": astros de cinema, campeões, príncipes, reis, artistas célebres, etc. *"A informação transforma esses olímpios em vedetes da atualidade. Ela eleva à dignidade de acontecimentos históricos acontecimentos destituídos de qualquer significação política"*. (Morin, 1997, p. 105).

O endeusamento dos "olímpianos" faz parte da estratégia de camuflar a realidade, de buscar a "letargia das consciências", apresentando, como bem disse o autor, fatos sem importância como sendo algo vital para os destinos da humanidade. E isso acontece de maneira muito sutil, como nas próprias manchetes de jornais, onde são apresentados diversos fatos, cada um com seu devido destaque dentro dos critérios de importância adotados pela empresa jornalística. E não raramente percebe-se que matérias que dizem respeito ao "cidadão real" são sobrepostas por aquelas que tratam das peripécias dos "olímpianos", numa duvidosa hierarquização das notícias. É um conjunto de fatores e interesses que fazem as empresas jornalísticas obterem importantes fatias do mercado da informação. E por conta dessa concepção, desse projeto ideológico que tem a informação como mercadoria, é que os indivíduos são transformados em receptores do poder simbólico dos meios de comunicação e que a eles reagem de alguma forma.

As populações consideradas pobres<sup>4</sup>, mesmo não tendo oportunidade real e imediata para "melhorar de vida", são alvo desse poder simbólico. São atingidas em cheio pelas imagens de uma vida que está longe de ser a sua. Elas dependem da caridade de algumas pessoas ou instituições, ou ainda, dos programas assistenciais do Estado, os quais são cada vez mais precários porque esse mesmo Estado cada vez mais se afasta de suas responsabilidades sociais.

---

<sup>4</sup> Considero aqui as pessoas pobres aquelas que consomem todas suas energias possíveis apenas para lutar contra a morte, ou seja, para sobreviver e que, por consequência, não dispõem dos requisitos para atuar como cidadãos.



## Apropriação localizada

Não há como negar a estrutura globalizada que têm hoje os meios de comunicação e sua atuação instantânea em todos os cantos do mundo, levando consigo o ideário capitalista, seja em sua concepção da informação como mercadoria, seja através seu poder simbólico de difundir as idéias do atual sistema, apresentado como o único possível.

Todos os materiais simbólicos difundidos pelos veículos tradicionais, principalmente em países periféricos, são recebidos pelos indivíduos em suas localidades, cuja apropriação passa pelos fenômenos locais. Isso significa que, ao se estudar esse fenômeno, é necessário levar em consideração todos os aspectos históricos e sociais desses indivíduos e de suas localidades. Principalmente o fato de que o poder simbólico, que evidentemente facilitou o processo de globalização, superou em muito o poder econômico e até político, sendo que esse último se apropria do poder simbólico dos meios de comunicação para impor sua ideologia de maneira bastante clara.

Thompson trabalha com esse conceito de apropriação localizada e afirma que a apropriação dos produtos da mídia é sempre um fenômeno localizado, "*no sentido de que ela sempre envolve indivíduos específicos que estão situados em contextos social-históricos particulares, e que contam com os recursos que lhes são disponíveis para dar sentido às mensagens da mídia e as incorporar em suas vidas*". (THOMPSON, 1998, p.155). Em outras palavras, isso significa que durante o processo de apropriação, as mensagens são transformadas e adaptadas pelos indivíduos ao contexto local, considerando-se contexto local a cultura própria desses indivíduos. É importante considerar, também, que essa própria cultura local também já foi "adulterada" até mesmo devido à penetração dos meios de comunicação, mas esse é assunto específico que merece um estudo próprio e mais aprofundado.

. Thompson garante que a globalização não eliminou esse caráter localizado da apropriação:

A globalização (...) criou um novo tipo de eixo simbólico no mundo moderno, que irei descrever como o eixo da difusão globalizada e da apropriação localizada. À medida que a globalização da comunicação se torna mais intensa e extensa, a importância do eixo vai aumentando. Seu crescimento atesta o fato dual de que a circulação da informação e da comunicação se tornou cada vez mais global, enquanto, ao mesmo tempo, o processo de apropriação permanece



intrinsecamente contextual e hermenêutico. (THOMPSON, 1998, p.155)

As novas formas de jornalismo praticadas atualmente, baseadas principalmente na capacidade da transmissão instantânea dos fatos para qualquer parte do mundo, ao invés de informar e formar o cidadão, elas tendem a confundir-lo e a desorientá-lo durante o processo de apropriação localizada. Essa comunicação tende a impor uma verdade cuja credibilidade limita-se ao aparato tecnológico o qual permite a informação “ao vivo, em tempo real”, 24 horas por dia, tipo CNN<sup>5</sup>, como bem coloca Ignácio Ramonet:

”Uma aparelhagem de estimulação eletrônica se mostra, se exhibe, funciona, como se quisesse dizer-nos: *O que mostro a vocês é verdadeiro, porque é tecnológico*”. E nós acreditamos nela porque somos enganados, porque ela nos intimida, nos impressiona, enche nossos olhos e nos persuade de que um sistema capaz de tais proezas tecnológicas não pode mentir. (RAMONET, 1999, p.36)

Isso implica no fato de que os indivíduos de determinada periferia absorvem qualquer informação como sendo verdadeira. Para Ramonet, o processo tecnológico “liga”, “circula em redes”, em suma, “comunica”, mas ao mesmo tempo esse indivíduo sente que “isto o exclui”. Quer dizer, o mundo do espetáculo, que apresenta-se em imagens fantásticas. Por isso é que são mantidas algumas características culturais locais, mesmo havendo, em caráter mais subjetivo, influência dos meios de comunicação nessas culturas.

O jornalista francês diz que a televisão não é uma máquina de produzir a informação, mas de reproduzir acontecimentos, fatos. *“O objetivo não é fazer-nos compreender uma situação, mas fazer-nos assistir a uma aventura ou desventura. Ao mal-estar do político, gangrenado pelos casos e pela deflação das ideologias, soma-se há algum tempo a desconfiança e a repulsa em relação aos jornalistas e à mídia”*. (idem)

### **Comunicação comunitária: alternativa para democratizar a informação**

---

<sup>5</sup> CNN: Rede de TV dos Estados Unidos que se notabilizou pela cobertura “ao vivo” da Guerra do Golfo em 1990.



Qualquer meio de comunicação popular<sup>6</sup>, conforme Peruzzo (1998), não chega a colocar-se como força superadora dos meios massivos. "*Os dois são complementares e não excludentes*". Os chamados "Jornais de Bairro", por exemplo, que são pequenas publicações com circulação limitada a uma determinada área da cidade, existem para satisfazer aos interesses mais imediatos e próprios de uma determinada comunidade. Normalmente são veículos que sobrevivem dos recursos de pequenos anunciantes: comerciantes e prestadores de serviço do próprio bairro, e a distribuição quase sempre é gratuita. Claro que muitas destas publicações apresentam caráter alternativo apenas por não fazerem parte da grande imprensa e por limitarem-se às informações locais, da comunidade. No entanto, o que é preciso analisar é a concepção de comunicação que esses veículos apresentam. É necessário observar seu projeto original, onde conste os objetivos da publicação.

É nesse momento que entra em cena a chamada comunicação popular, como real alternativa à comunicação dominante, já que na maior parte das vezes, os jornais de bairro estão longe de desenvolverem algo que possa ser chamado de comunicação comunitária ou comunicação popular, por apenas reproduzirem o cotidiano da comunidade, tal como o faz, num âmbito mais amplo, a imprensa tradicional.

Cicilia Peruzzo, apresenta algumas características que definem a mídia comunitária:

a) estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas; b) as pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais; c) desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação; d) autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade; e) autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados etc.; f) não tem interesses comerciais; g) oferece possibilidades ilimitadas de inovação de linguagens e formatos de programas; h) programação sintonizada com a realidade local; i) dirigida a segmentos específicos da população; j) alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores; k) as ações se desenvolvem em torno de interesses comuns; l) envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO, 1999:145)

---

<sup>6</sup> O termo "popular" aqui é utilizado para designar aquele jornalismo produzido pelo povo, e não no sentido referido ao jornalismo "sensacionalista".



São exatamente essas características que fazem da comunicação comunitária uma alternativa à concepção de mídia tradicional, envolvendo o conjunto da comunidade em todas as fases do processo de produção do veículo, desde a sua concepção até a avaliação final. Mesmo considerando o fato de que nas últimas décadas os meios massivos de comunicação abriram alguns espaços para a reflexão de temas ditos populares, de denúncias de corrupção etc. No entanto, limita-se a essa visão funcional, de cumprir com seu papel social sem nenhum compromisso com as mudanças sociais necessárias para reduzir o abismo social visto atualmente.

A comunicação popular coloca-se como uma alternativa viável, e vários projetos já provaram isso. É preciso, no entanto, ter em mente que nem toda comunicação popular é democrática ou mesmo participativa. Os espaços de intervenção na própria elaboração dos projetos editoriais, que devem ser pensados juntamente com a comunidade para a qual vai servir, precisam ser ampliados, caso contrário, mesmo sendo uma alternativa aos veículos tradicionais, estarão reproduzindo seu modelo, que entende a informação como uma reprodução burocrática do cotidiano, sem fazer qualquer interferência. É o que lembra Cicília Peruzzo:

Na maioria das práticas brasileiras de comunicação popular, a produção de mensagens, o planejamento e a gestão dos meios se centralizam em poucas mãos. Além de envolver o risco de controle da informação e do poder, entre outras implicações, isso favorece a reprodução de padrões de dominação e uma contradição da prática participativa mais ampla dos movimentos. (PERUZZO, 1998: 154)

Para ela, quando a comunicação é centralizada, passa a ser tratada como uma atividade-fim e não como uma atividade-meio, com sua função político-educativa para o conjunto das pessoas. O resultado é um veículo sem a personalidade da comunidade para a qual é dirigida, sendo uma reprodução das idéias exclusivas de quem detém essa centralidade. Quer dizer, há uma descaracterização do projeto como popular e participativo.

### **A experiência do projeto “Folha da Princesa”**



Localizada junto à BR 116, a 15 km do centro de Pelotas, a vila Princesa tem hoje aproximadamente cinco mil moradores, a maioria pequenos agricultores oriundos da região da colônia, que vieram tentar a sorte numa região ao mesmo tempo próxima da cidade mas com as características da vida no campo. São histórias como as de Darcy Dias e Antônia Dias, que moram na vila Princesa há 40 anos, consideram os moradores do local como uma verdadeira família:

A vida nos ensina muita coisa. Aqui, valorizamos muito mais uma verdadeira amizade do que qualquer outra coisa. Somos muito unidos. Temos que conservar isso, que pra mim é o mais importante. Quanto posso ajudar, ajudo mesmo. (DIAS, 2000: pp. 4 e 5)

Não são poucas as dificuldades estruturais da vila Princesa, a começar pelo precário abastecimento de água, que chegou em 1995 e assim mesmo sem atingir toda a vila. A água só chegou porque seus moradores, através da associação de moradores, fizeram muita pressão junto ao poder público municipal, inclusive com um protesto que interrompeu a BR 116, o principal acesso a Pelotas de quem vem de Porto Alegre ou de outros estados. Antes de 1995 havia apenas três poços artesianos no local, e em algumas ruas a pressão da água era tão fraca que os moradores tinham que utilizar o arroio Retiro para se abastecer.

Para a concretização da primeira edição do jornal da vila Princesa, cujo nome seria escolhido a partir de sugestões dos próprios moradores, a equipe - composta inicialmente por 16 alunos e o professor coordenador - marcou uma reunião com representantes da comunidade católica Cristo Redentor. Naquela reunião foram apresentados os objetivos do projeto e solicitados, pela equipe (divida em editorias), temas que pudessem ser transformados em assuntos para a primeira edição do jornal.

### **A repercussão do jornal entre a comunidade**

A distribuição da primeira edição da Folha da Princesa, realizada pelos próprios componentes da equipe, aconteceu numa tarde de sábado, dia 2 de setembro de 2000, quando os alunos distribuíram o jornal de mão em mão aos moradores, quando puderam sentir a reação da comunidade ao receber, pela primeira vez, um jornal que estava falando da sua vida, do seu cotidiano. *"Todos tinham a curiosidade de encontrar a si*





*próprio ou algum conhecido nas páginas do jornal, seja em fotografias ou mencionado nas matérias", disse o aluno Daniel Sanes, da editoria de "Geral" da Folha da Princesa.<sup>7</sup> Daniel diz que muitos moradores ficaram desconfiados, "afinal, numa época de interesses e troca de favores, como num ano eleitoral como esse, é absolutamente anormal alguém dar alguma coisa sem pedir algo em troca".*

Para um dos moradores mais antigos da vila Princesa, Rudi Mackedanz, 68 anos, cuja história de produtor de hortaliças foi manchete de capa da segunda edição da Folha da Princesa, o sentimento de receber um jornal próprio da vila é de extrema alegria: *"Eu, minha esposa e minha filha acompanhamos o jornal desde o início e foi uma alegria receber o jornal aqui em casa"*<sup>8</sup>. Para ele, o jornal é importante porque é uma maneira de ficar bem informado com as coisas da vila. Ele diz que acha importante a vila ter um jornal próprio, *"porque mostra o que se passa na nossa vila e isso pode melhorar as coisas aqui. A vila é muito escura e o jornal tá mostrando isso pra todo mundo da cidade"*.

A moradora Marisa Moura, estudante de 35 anos, recebeu com surpresa a primeira edição da Folha da Princesa: *Foi a primeira vez que vi um projeto desse tipo num bairro tão distante da cidade, onde não se tem praticamente nada. Há pouco temos energia elétrica e telefone. É um bairro rural, distante, e quase nenhum político vem aqui.* Marisa participou do concurso de poesia sobre a vila promovido pelo jornal em sua primeira edição (setembro de 2000), sendo a vencedora com a poesia "Minha Princesa", um poema de amor à vila. No poema, publicado na 2ª edição do jornal (outubro de 2000), Marisa diz, entre outras coisas: *Toda essa trajetória para muitos pode ser banal, mas para nós é de grande valia. Pois hoje temos até um jornal, e estamos lutando por um posto policial".* Ela diz que um jornal para a vila é importante porque *"é uma maneira das pessoas se darem conta dos problemas que a gente tem. Sem o jornal, as pessoas não conseguem enxergar os problemas do próprio vizinho ou os seus problemas da rua. O jornal mostra isso e é uma maneira das pessoas se alertarem e exigirem solução. E também é importante o jornal mostrar o que a vila tem de bom.* Marisa considera que o jornal estimula a conversa entre as pessoas sobre os problemas do bairro. Marisa diz que ela própria adorou se ver no jornal como a

---

<sup>7</sup> Todas as entrevistas com os alunos da equipe do jornal foram realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto, entre o ano 2000 e 2008

<sup>8</sup> As entrevistas com moradores que de alguma forma participaram do jornal, foram realizadas no mesmo período. Todos os entrevistados autorizaram publicação de seus nomes.



vencedora do concurso de poesia. *"Me senti o máximo, principalmente porque eu ganhei o concurso e eu não esperava. Ninguém sabe que eu escrevo e, de repente, as pessoas ficam sabendo que eu faço poesia, que eu estudo, enfim, que eu existo e que posso contribuir com alguma coisa no bairro"*.

Os comerciantes Adriani Lopes, 34 anos, e Rogério Fonseca, 37, que foram os personagens da reportagem "Um encanto de Natal", publicada na edição de dezembro da Folha da Princesa, dizem que a sensação foi de espanto e curiosidade ao receber a primeira edição do jornal. *"Fui direto ler todo o jornal, procurar conhecidos e saber coisas da vila"* (Adriani Lopes, janeiro de 2001). *"Eu fui logo procurar a página de esportes para ler sobre a inauguração do estádio de futebol da vila"* (Rogério Fonseca, janeiro de 2001). Rogério também ressalta que com o jornal, a população do bairro passa a cobrar ações das autoridades. *"Por exemplo, a iluminação pública, que o jornal tem publicado, todos estão acompanhando para ver se o problema vai se resolver. O jornal registra o problema e serve de reivindicação para os moradores"*. Adriani complementa: *"O jornal enche a gente de esperança. Antes do Natal eles prometeram, depois ficou para o ano novo, e até agora nada..."*.

O ex-presidente da Associação de Moradores da Vila Princesa, Oswaldo Mena, 52 anos e que vive no local há mais de 40, recebeu o jornal como um impacto muito grande, porque segundo ele há muito tempo ninguém olha para a Vila Princesa.

Mena considera que o jornal é uma arma que os moradores têm nas mãos. *"Uma notinha que saía mostrando nossos problemas, já nos dá esperança. Esse projeto é muito importante, se todas as vilas tivessem um projeto como esse, talvez a cidade não estaria na situação de abandono em que está"*. Ele faz uma comparação com os veículos tradicionais de comunicação, dizendo que para esses veículos, a vila só é notícia quando acontece alguma tragédia, e que o fato de a vila localizar-se tão distante do centro da cidade, acaba desestimulando a imprensa, *"mas se eles viesse aqui, veriam que tem muito assunto interessante, muita matéria para colocar"*.

Um dos depoimentos mais contundentes a respeito do projeto "Folha da Princesa" foi do comerciante Deolindo, de 42 anos, proprietário de um mini-mercado na rua principal da vila. Numa das primeiras visitas do grupo à vila, ele dizia que o problema da vila era a existência da favela, que ele dizia ser habitada por pessoas que não trabalhavam. Hoje, após ler as coberturas feitas pelo jornal na favela, com matérias que mostram o lado humano de seus habitantes, Deolindo tem outra visão da favela: *"Achei interessante a matéria sobre a favela da vila, as dificuldades que vivem aquelas"*



*peças. Eu confesso que não sabia que era assim, com tantas dificuldades. Se não fosse o jornal, talvez eu jamais viesse a compreender isso".* Essa declaração demonstra que o jornal está conseguindo cumprir com um de seus objetivos, que era o de desmistificar a presença de pessoas excluídas do processo social na vila.

O morador Jairo Dias foi o primeiro a receber a equipe do jornal. Foi ele quem estimulou o grupo e forneceu as primeiras e fundamentais informações para que o projeto avançasse. Para ele, o jornal veio para ajudar a todos. *"Muitas coisas, depois da chegada do jornal, foram conseguidas no nosso bairro, e eu cito exemplo da polícia que está mais presente, e a entrevista com o prefeito eleito, e agora temos como cobrar as promessas de campanha".* Ele lembra que as pessoas da vila até têm acesso a outros meios de comunicação, mas nenhum tem o significado de um jornal próprio. *"A gente passa a conhecer melhor a própria história da vila. Eu mesmo, moro há 43 anos na vila e fiquei conhecendo muitos aspectos da nossa história através do jornal, da matéria que contou o início da vila Princesa".*

### **A Favelinha e os excluídos da vila**

A favelinha, como é chamado o núcleo de 20 famílias de posseiros que moram na "periferia" da vila, é a mais perfeita tradução do imenso abismo social existente no país. São posseiros desempregados ou biscateiros com suas famílias numerosas - média de 6 filhos -, que chegaram na vila vindos de cidades dos arredores de Pelotas em busca das oportunidades que não tiveram em sua terra natal. Mais da metade dessas famílias é sustentada e estruturada pela mãe, que conta apenas com a ajuda dos filhos para sobreviver, como percebe-se no relato publicado na edição número 5 da *Folha da Princesa*, feito por uma menina de 13 anos, identificada apenas como Carolina:

Eu que cuido dos pequenos enquanto minha mãe trabalha. Ela luta pra dar o que a gente precisa. Desde muito pequena que eu cuido de meus irmãos, porque meu pai e minha mãe são separados e ela precisa trabalhar. (CAROLINA, 2001:4)

Há ainda muitos casos em que crianças de 14, 15 anos trabalham para ajudar em casa, como o menino Rodrigo, de 15 anos, que trabalha como carregador de lenha e, quando está em casa, ajuda a mãe, revendedora de roupas, a cuidar e criar os irmãos.



Ao se instalarem na "favelinha" da vila Princesa, o que as famílias encontraram foi mais miséria, além da discriminação dos outros moradores da vila Princesa, situação retratada em quase todas as edições do jornal, com o objetivo de procurar mostrar ao conjunto da vila o lado humano daquelas pessoas, suas dificuldades, suas angústias seus prazeres, enfim, uma estética de quem sofre com um processo de exclusão social mas que sonha com um mundo melhor, com mais oportunidades.

Pode-se dizer que a discriminação que sofrem os moradores da "favelinha" faz parte das conseqüências negativas do tratamento dado pelos MCM tradicionais aos excluídos do país. Sempre que a TV ou jornal trata de favelas, coloca seus personagens como pessoas violentas (as gangues das favelas do Rio ou da periferia de São Paulo), num processo que generaliza e enquadra indiscriminadamente todos os excluídos. As entrevistas concedidas pelos moradores da vila aponta que a grande maioria acompanha diariamente os telejornais e, portanto, absorvem as idéias por eles transmitidas como verdades absolutas, inquestionáveis. Isso acaba por impor conceitos nos receptores das mensagens, conceitos que são absorvidos e reproduzidos dentro do contexto local.

O projeto do jornal *Folha da Princesa*, desde o início teve entre seus objetivos levar aos moradores da vila uma reflexão sobre a situação da "favelinha", sem com isso desenvolver um sentimento de paternalismo. Ao contrário, as matérias procuram mostrar o cotidiano daquelas pessoas, tentando identificar inclusive as causas daquela situação e os direitos que cada cidadão - da favela ou do centro da cidade - tem.

A matéria em análise faz ainda uma referência a dificuldades da "favelinha", que muitas vezes são comuns aos demais moradores da vila sem que se dêem conta disso.

Para a moradora da favelinha, Isolda Maria Hartuig, de 39 anos, casada, Doméstica desempregada e mãe de 8 filhos, cuja fotografia ilustrou a matéria citada acima, foi grande a surpresa ao receber, em casa um jornal da vila: "*Eu fiquei muito surpresa, ainda mais quando vi a fotografia dos meus vizinhos*". (Isolda Maria, janeiro 2007). Para ela, o jornal da vila é importante porque toda a vila acaba reconhecendo que sai no jornal: "*Todos reconhecem a gente depois (...) Achei que é bonito a gente sair no jornal*". Ela diz que lê todo o jornal quando recebe, porque é a única leitura a que teve acesso nos últimos anos. Uma das matérias que mais lhe chamou a atenção foi a que falou do desemprego na vila (edição nº 5, janeiro de 2001). Isolda demonstra ter esperança que, a partir da criação do jornal, o poder público possa "lembrar da vila": "A



*gente acha ruim os problemas da vila que o jornal mostrou, e a gente pensa: será que dessa vez vão lembrar da gente"?*

Isolda Maria mora num barraco com seu marido, que também está desempregado, e seus oito filhos pequenos. A família passa muita dificuldade, pois na casa não há água encanada nem saneamento básico. Eles tem TV em casa, onde Isolda e o Marido assistem ao Jornal Nacional e novelas. "A gente assiste cada coisa que acontece nesse mundo, a fome, a falta d'água, que não é só aqui não. Outro dia, vi uma enchente, com aquelas pessoas tirando suas coisas de dentro de casa. Fiquei apavorada. Aqui quando chove alaga tudo.

### **Espaço de diálogo com o poder público**

Com o surgimento do jornal *Folha da Princesa* a população da vila passou a contar com um canal próprio de reivindicação junto ao poder público municipal.

Desde a primeira edição, a *Folha da Princesa* torna público problemas estruturais da vila, como a precariedade do transporte coletivo, iluminação, água, entre outros. Neste processo dialógico e participativo, a equipe do jornal ouve a comunidade sobre as reivindicações, e cobra do poder público uma reação.

Além disso, o jornal também estimula a cidadania e a organização comunitária, como na reportagem que tratou da situação da Associação de Moradores da vila, numa pauta sugerida pelos próprios moradores. A matéria trouxe como título uma forte declaração do presidente da Associação, Paulo Prieto, proferida por ele durante entrevista ao jornal: "Fui um péssimo presidente", disse ele ao avaliar sua gestão. A repercussão foi imediata, num misto de revolta com satisfação de vê-lo assumir a inoperância da entidade.

Muitos moradores da vila Princesa sequer sabiam da existência da associação, já que a mesma se encontra desativada em termos de projetos ou ações. Para se ter uma idéia, o mandato da atual gestão havia vencido há um ano, sem que tenha sido convocada a eleição prevista nos estatutos. A alegação de Prieto para permanecer no cargo é de que "os moradores não se interessam e nada fazem para que a atual situação se modifique".



O resultado de tanta indignação resultou numa pressão da comunidade para que fossem convocadas eleições para a nova diretoria da Associação. A situação, então mudou drasticamente, passando do total desinteresse dos moradores pela entidade para uma manifestação que resultou na inscrição de duas chapas para a eleição, fato jamais registrado na história da vila Princesa.

É preciso que fique claro, no entanto, que nem todo projeto de comunicação comunitária é originalmente popular e participativo. É o que afirma, Cecília Peruzzo:

Convém não esquecer, como já dissemos, que tanto "participativo" como "popular" não qualificam necessária e automaticamente o substantivo democracia. Muitas organizações podem estar às voltas com propostas conservadoras e autoritárias. O Brasil está cheio de exemplos. (PERUZZO, 1998:141-42)

Os exemplos a que Peruzzo se refere podem estar no próprio movimento popular, que é, segundo ela, citando SOUZA, atravessado pelas contradições de classe e de projetos de sociedade que disputam a hegemonia em nosso mundo e país. (op.cit. p. 142).

É preciso salientar que não basta o veículo comunitário proporcionar ao público uma participação que limita-se às sugestões, artigos, entrevistas. É preciso um outro nível de participação, que envolva efetivamente a comunidade no projeto como seu cúmplice, ajudando na construção e aprimoramento. Discutindo, inclusive, os destinos do veículo e sua linha editorial e de ação comunicativa. Só assim haverá uma efetiva democratização de um veículo verdadeiramente popular e participativo.

O projeto “Folha da Princesa” desde o início mexeu com o cotidiano de uma comunidade de cerca de mil famílias da Vila Princesa, que até então nunca havia participado de algum veículo de comunicação, muito menos de um veículo próprio, criado a partir de suas necessidades em termos de informação. A cada edição da “Folha da Princesa”, a comunidade fica mais envolvida, querendo participar e de alguma forma dar sua contribuição para a manutenção e evolução do projeto, num processo participativo que busca, primeiro lugar, a conquista da cidadania.

É óbvio que um trabalho dessa natureza deixa muitas lacunas, que certamente resultarão em pesquisas futuras para enriquecer o debate em torno do jornalismo



comunitário ou da comunicação popular. Procurou-se nesta pesquisa, discutir em nível teórico e de maneira sucinta, o processo comunicativo e suas variadas interpretações, principalmente no que diz respeito aos efeitos dos meios de comunicação no cotidiano dos indivíduos.

Ao mesmo tempo, a comunicação popular trabalha com a busca de uma reflexão crítica das comunidades acerca de sua própria condição de cidadania e de seus direitos e no fato de que a comunidade acaba confiando no veículo devido à sua autonomia e independência de qualquer outro interesse (político ou econômico), mas principalmente pelo caráter de intervenção direta no processo quando este lhe parece inadequado à realidade local.

### **Referências bibliográficas**

COSTA, Daniela. *Construindo uma sociedade melhor. Folha da Princesa*. Nº 02, Pelotas: outubro de 2000.

DIAS, Antônia. *Os moradores e a Vila Princesa: uma única história. Folha da Princesa*. Nº 01, Pelotas: setembro de 2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Séc. XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária:1997.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Mídia Comunitária*. In: **Comunicação e Sociedade**. Nº 30

RAMONET, Inácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Marcela. *Favelinha: o outro lado da Vila Princesa. Folha da Princesa*. Nº 3, Pelotas: novembro de 2000.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes,